

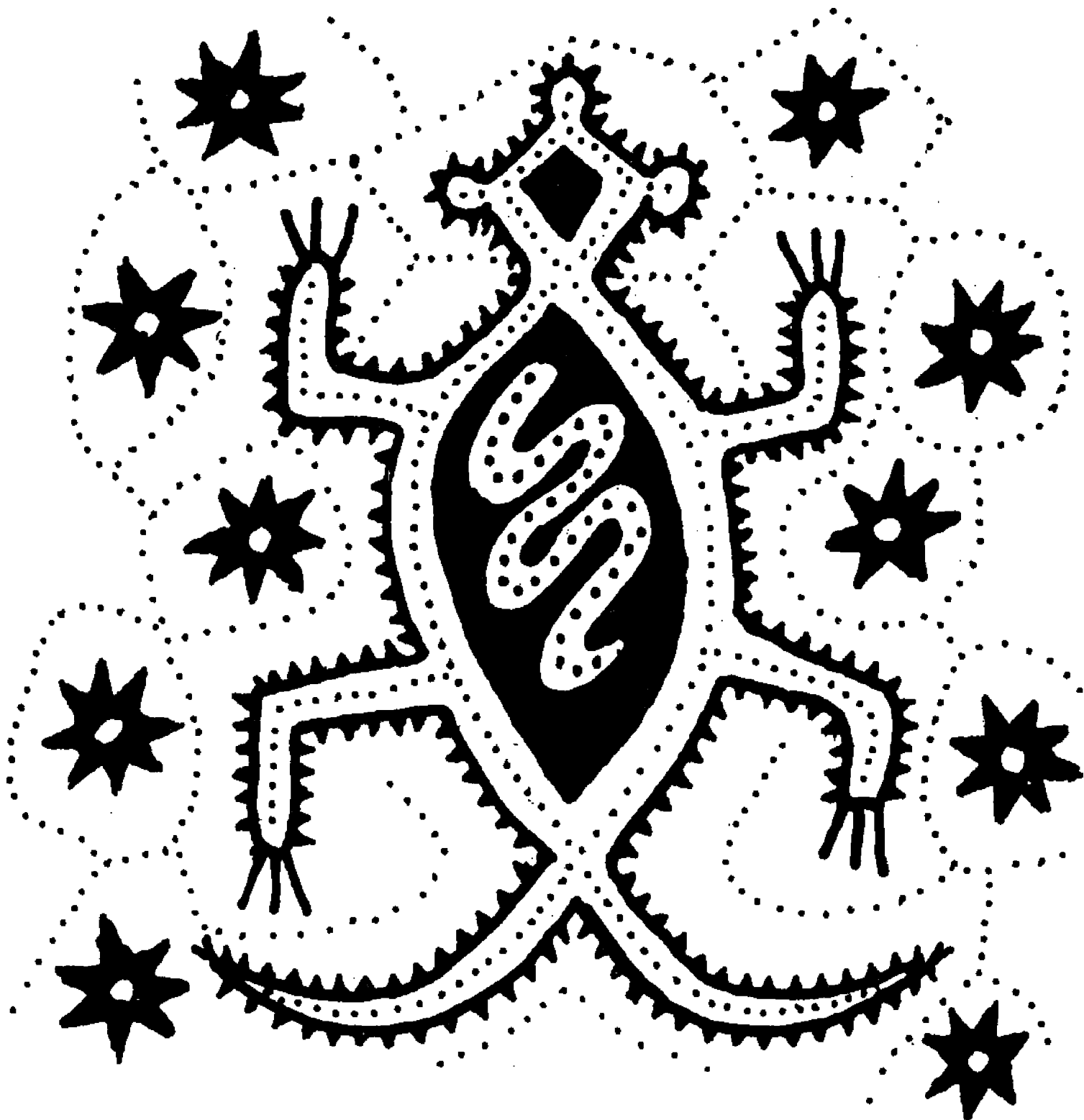
Tímor, os Mitos e as (des)Mistificações

L u í s C a r d o s o

QUANDO OSÓRIO DE CASTRO ESCREVEU O LIVRO E lhe deu o nome de «A ilha verde e vermelha» talvez não soubesse que estava a criar um mito, o mesmo que levou esse ancião de Maubisse a esconder a bandeira verde-rubra durante tanto tempo, tanto quanto a memória resistia ao olvido, para depois ser devolvida ao dono conforme as palavras do ancião, lamentado na ocasião que embora as cores estivessem gastas pelo tempo na sua fuga inexorável para o abismo, contra a qual não tinha meios para se opor, a esfera armilar continuava inteira e intacta, o mesmo não acontecendo com as cabeças que rolaram no chão, destruídas pela ira, sabe-se lá porque mais, supondo que em represália por não terem encontrado a bandeira enterrada no interior do seu frágil e árido corpo ou escondida nas entranhas da sua ilha vermelha de sangue e verde de esperança com que se mantinha vivo. Fez saber que o visitante se esquecera do estandarte quando se foi embora dizendo sentir saudades da terra, tanto tempo ausente do lar, mais do que o previsto para realizar o sonho com que se fez ao mar, nómada de terras estranhas e vago-bundo de outros mares.

Osório de Castro não era político e a profissão de médico fê-lo atento a tudo quanto o rodeava para melhor entender os homens, expurgar os males que os atormentam e a paixão da escrita fê-lo eternizar o que provavelmente mais ninguém soube colorir, o esplendor que era a ilha verde e vermelha.

Não entro pela grande porta das decifrações, nem quero violar o longo corredor dos enigmas, o autor mais do que botânico era um retratista, talvez quisesse ser um Gauguin de outra arte, talvez um tanto sabedor do trágico destino de outras ilhas que outrora foram verdes, quis deixar esse quadro assim como um sinal vermelho para todos quantos ali aportam e se interessam pela sorte dos pequenos paraísos perdidos no vasto mar ou na imensidão do tempo – não há



outros paraísos que não sejam paraísos perdidos –, assim resolveu a equação o mago das letras Borges de seu nome.

Quando chove a terra empasta-se com a demasia das águas, as distintas estações do ano que separam o tempo na feminina época das chuvas que tudo molha, verde o cio da terra e dura a sementeira, seguido do brusco período da seca expondo o fruto proibido para atizar a cobiça alheia, depois enraivecer-se em labaredas de ciúme e enlouquecer com o fogo da paixão, esse mesmo fogo que unia todas as ilhas do pacífico descrevendo um arco luminoso, mágico e terrífico, provavelmente o único arco que Fernão de Magalhães viu, uma vez que o do triunfo lhe negou esse pequeno povo das ilhas de Mindanau que não queria ver o seu estreito devassado por piratas e por outros que não o sendo os achavam demasiadamente estreitos no saber e na procura que a terra era redonda. Descontentes com a arrogância do chegante que lhes queria provar o contrário do que para eles era uma terrível evidência, talvez por isso mesmo o tivessem morto, quando ao ser perguntado não sabia para onde ia, ele que tudo sabia das nebulosas, das constelações e da arte de bem navegar e com tanto mar pela frente largo e horizontal logo ali foi encalhar, um descuido inglório e fatal, o sinal de que ele nunca iria até ao fim, até onde o levava o sonho ou o desvario, até onde não haveria regresso e por isso queria encontrar a exacta curvatura da terra para ter a certeza do retorno e não sabendo cantava, talvez devesse chorar, que no fado é a mesma coisa: «Ai, minha mãe, as saudades matam mais que o escorbuto!»

Timor passou a constar na rota da circum-navegação pela pena de Pigafetta e mais do que tudo isso disse o outro que não era Magalhães mas Pessoa: «Tudo vale a pena quando a alma não é pequena!»

Eis que se ergue das brumas o ancião de Maubisse, envolto com penas de galos e pelo seu traje colorido de várias tonalidades, vendo o visitante encharcado de penas lhe ofereceu o seu tais para se limpar das lágrimas, o ombro para chorar as mágoas, que valeu mesmo a pena ter vindo para selar uma nova aliança, ainda que tivesse demorado tanto tempo a chegar, ainda que tivesse invocado para justificar o atraso a fúria do vento, as correntes traiçoeiras, a ira das monções, o assalto dos piratas, as rotas das especiarias desfeitas por falta delas, o transtorno dos fusos horários, a traição dos amigos, a intransigência dos inimigos, o belo sonho da exposição universal, o baralho da União Europeia, o brilho da moeda única, a triste epopeia da devolução de Macau e mais grave do que tudo isso o enjoo do mar por falta de hábito de navegar, quando cedeu à tentação da velha e farta Europa de largar tudo para se retirar em terra, qual filho pródigo de regresso à origem, ele que fora o pioneiro e se preparava para comemorar os quinhentos anos do achamento do Brasil.

Eis que se ergue das brumas o ancião de Maubisse depois de ter esperado tanto tempo e tantas foram as noites claras que passou em branco a espreitar a linha do horizonte donde esperava ver aparecer a Lusitânia Expresso ou a Lusitânia Paixão, que importa o nome se o desejado era o velho senhor dos mares, para buscar o que era da sua pertença, depois de o ter esquecido há vinte e cinco anos atrás, quando se apressou a fazer o caminho de regresso à casa, dando um ponto final na história e um nó na linha com que teceu as malhas do Império.

Finalmente, cumprido o destino, devolvida a bandeira, despido o mito, a ilha voltou a ser verde e vermelha como era no princípio, quando o velho crocodilo cansado de tanto mar se fez terra para se eternizar.